

RECENSÕES

AZEVEDO, Sânzio de. *Dez ensaios de literatura cearense*. Fortaleza, Ed. UFC (Col. Alagadiço Novo), 1985.

Nilto Maciel

Ao lado do crítico literário, figura quase em extinção por estas bandas de cá do mundo, militam outros "leitores especiais", via de regra professores de Letras. São os ensaístas, os pesquisadores, os historiadores — estudiosos do fenômeno literário. É o caso de Sânzio de Azevedo, autor de uma dezena de obras, quase todas voltadas para o estudo da literatura cearense. Seu último livro — *Dez Ensaios de Literatura Cearense* — editado pela Universidade Federal do Ceará, como o próprio título indica, versa dez temas distintos, sendo que um deles, o primeiro, trata do conto cearense, atendo-se, como é óbvio, a uma infinidade de escritores, ao contrário dos demais. É um trabalho de fôlego, fruto de demoradas pesquisas. Não se trata de um estudo da natureza do conto cearense, como já o fez o saudoso Braga Montenegro, mas de uma análise de cunho histórico.

Elogiável no ensaísta sua independência de opinião, mesmo para discordar de grandes mestres do passado, como o já citado Braga Montenegro e o festejado historiador Dolor Barreira.

O segundo ensaio intitula-se *Júlio Maciel e a Poesia de seu Tempo*, onde Sânzio faz uma profunda análise do poeta baturiteense. Embora tenha publicado seu primeiro livro, *Terra Mártir*, em 1918, e só em 1952 deixado de escrever, Júlio Maciel permaneceu parnasiano por toda a vida, com

incursões pelo simbolismo e também pelo modernismo — informa-nos o ensaísta.

O maior historiador da literatura cearense, Dolor Barreira, é homenageado no terceiro estudo. No seguinte, Sâncio de Azevedo se volta para o grande Rodolfo Teófilo, um dos pontos altos do naturalismo no Brasil. Neste, porém, o autor de *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará* se debruça sobre uma das facetas do romancista — seu amor à verdade, como bom naturalista que foi.

Interessante, sobretudo, a confrontação que o estudioso faz entre trechos da prosa e do verso de Rodolfo Teófilo, para dizer que tudo no autor de *Os Brilhantes* era produto da experiência, da observação, da própria vivência.

Caminhando em direção aos tempos presentes, Sâncio de Azevedo dedica o ensaio de número 5 a Herman Lima, um dos mais destacados representantes do conto regionalista brasileiro, apesar de ter sido um escritor de poucas obras.

Relata o historiador, entre outras curiosidades, que a estréia de Herman Lima se deu em 1917 ou 1918, na revista *Fon-Fon!*, com o conto "Gata Borracheira". E fez ainda uma análise de alguns dos contos do famoso livro *Tigipió*, publicado em 1924.

Curioso é o estudo intitulado *Um Poema de Raimundo Varão*, onde Sâncio comprova suas qualidades de pesquisador. O poeta estudado, hoje totalmente desconhecido e ignorado, era uma pessoa esquisita e até misteriosa. Sua origem é incerta. Viveu em Fortaleza durante os anos de 1911 e 1915, tendo deixado cinco livros de poemas inéditos.

O poema a que se refere o ensaio tem por título *A Canção dos Poetas Miseros* e foi exumado das páginas de um jornal antigo pelo pesquisador cearense, que qualifica Raimundo Varão de neo-simbolista.

O sétimo ensaio é dedicado a José Alcides Pinto, escritor da linha de frente do panorama atual da literatura brasileira. Ex-concretista, o autor de *O Dragão* é estudado por Sâncio de Azevedo, tendo em vista o livro *20 Sonetos do Amor Romântico*, que é de 1982. De lá para cá, no entanto, outros livros publicou o incansável escritor cearense. Sempre instigante, paradoxal, inesperado. Ou "místico e demoníaco", como o chama o ensaísta.

Segue-se o ensaio *Milton Dias, Mestre da Crônica*, onde o menor cronista cearense dos últimos tempos é analisado em profundidade.

O penúltimo texto fala de Otacílio Colares e sua *Coroa de Sonetos*. O ensaísta faz, inclusive, um estudo de cunho didático dessa forma poética pouco utilizada.

Para fechar com chave-de-ouro o volume, Sânzio de Azevedo dedica quase vinte páginas a Rachel de Queiroz, num ensaio fundamental para a compreensão da obra daquela moça de 19 anos que, em 1930, assustou o mundo das letras com seu romance da seca, o elogiadíssimo *O Quinze*. E mostra o quanto a romancista burilou seu texto famoso, à medida que as edições foram se sucedendo.

Em conclusão, diremos que o livro de Sânzio de Azevedo é rico em informações e análises, como é fácil perceber neste breve comentário, merecendo de todos — estudantes de Letras, estudiosos da Literatura, escritores e leitores em geral — a atenção que as obras de boa qualidade devem ter.

PINTO, José Alcides — *O Dragão*. Romance, 3.^a ed. ilustrada por Audifax Rios. Fortaleza, Secretaria da Cultura e Desporto, 1986.

Carlos d'Alge

Quase vinte anos passados da primeira edição do romance *O Dragão*, de José Alcides Pinto, releio a narrativa, agora em segunda edição, da Secretaria de Cultura e Desporto, ilustrada por Audifax Rios.

Há certas leituras que devem ser repetidas, se possível, a cada década. É o caso dos grandes clássicos, como *Guerra e Paz*, de Tolstói; *Crime e Castigo*, de Dostoiévski; *Eugênia Grandet*, de Balzac; *David Copperfield*, de Charles Dickens; e o *Dom Quixote*, de Cervantes.

Por quê? Porque há sempre uma nova visão do mundo, das pessoas e dos objetos, uma diferente percepção a cada leitura feita. *O David Copperfield*, do qual possuo a primei-

ra edição em língua portuguesa, cobiçada por Mário Faustino, quando éramos adolescentes, é uma das narrativas que folheio periodicamente. Além de recriar o imaginário de Dickens, renovam-se as emoções com as aventuras e as desditas do personagem.

Com esse espírito, refiz a leitura, no último fim-de-semana, do romance de José Alcides Pinto. Percebo, agora, que a narrativa, além de possuir uma original estrutura lingüística, é também um relato inovador. Em 1968, uma primeira leitura, dizia-me que era uma história bem-contada sobre o homem nordestino, ambientada numa comunidade extremamente miserável, com os tipos característicos que se vêem nessas paragens.

Hoje, a releitura de *O Dragão* oferece-me novas perspectivas de interpretação. Não são mais os personagens que me interessam, loucos e visionários, oprimidos e deserdados. Interessa-me, sobremaneira, uma leitura que definiria como uma espécie de metafísica do tempo. Que tempo é esse? Não é o cronológico, mas um tempo físico e espacial que domina amplamente a narrativa: a inundação provocada pelo rigoroso período de chuvas e a seca inclemente e destruidora. Tanto o sol como a água são implacáveis.

O inverno cearense, que, em qualquer outro romance, significaria a bonança, a recuperação do solo, no *Dragão* resulta em catástrofe. Traz, portanto, mais infelicidade. Por quê, então, chuva e calor, sol e trovoada, se congemina para castigar e destruir o homem? Porque o romance de José Alcides Pinto se passa num tempo de incerteza em que o apelo ao fantástico é o único caminho para salvar o homem do permanente estado de miséria e opressão. E, por causa disso, os personagens desta história são loucos, visionários e endemoninhados, vivendo num constante clima de superstição, medo e bruxaria.

Foi Todorov que nos explicou, na sua obra clássica *Introdução à Literatura Fantástica*, que o fantástico é a fuga de que se vale o narrador em épocas de incerteza e crise. Em *O Dragão*, toda uma comunidade se confunde, na sua imensa e trágica pobreza com os animais. Isto é, homens e animais coabitam o mesmo espaço e as mesmas desesperanças. O sonho envolve beatos e bruxos, o mistério adensa o ar, o Diabo ronda as almas, o Dragão ameaça sair das profundezas onde habita.

Na verdade, *O Dragão* é uma bem-construída metáfora sobre o destino da nossa população campesina que está à espera de ser resgatada da ignorância, do medo e da escuridão. Um monstro mora em cada um dos corações do Alto dos Angicos. Quem irá iluminar aquelas "Vidas apagadas, inúteis, sem sentido. Vidas mortas."? "Um poço sem fundo, aberto no centro da noite. Um poço sem o limite do poço. Um poço cavado em si mesmo, sem o corpo e sem a alma. O vácuo, sem dimensão. O vácuo sem o vácuo."? Quem há-de dominar e matar a besta-fera e libertar o homem? Somente o tempo dirá.

José Alcides Pinto é também um ilusionista, na melhor acepção que deu ao termo o escritor francês Guy de Maupassant ao analisar a questão do realismo na ficção. Pois, o escritor não pode recriar toda a verdade à sua volta, todos os acontecimentos, mesmo os insignificantes. Ele terá que fazer uma escolha e isso acaba por constituir a sua verdade que, em outras palavras, passa a ser uma ilusão do verdadeiro.

Só que, no caso da história da comunidade do Alto dos Angicos, fica difícil separar o ilusório do verdadeiro — que todos conhecemos, e, o que é mais dramático, a própria condição humana da sua prolongada servidão.

Uma palavra sobre as ilustrações de Audifax Rios que enriquecem esta segunda edição do romance. O traço firme em preto e branco, revigora e recria o universo metonímico da narrativa e instaura uma forte emoção no narratário. *O Dragão*, obra marcante da nossa ficção, comprova a força e a poderosa criação do imaginário de José Alcides Pinto, lugar cativo na moderna literatura brasileira.